VI CONBALF
ALFABETIZAÇÃO E DEMOCRACIA: DIREITO À LEITURA E À ESCRITA

CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

# TEMPO DE APRENDER – ALGUMAS PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE O PROGRAMA DE FORMAÇÃO DOCENTE

***Ramona Graciela Alves de Melo Kappi*[1]**

***Eixo temático 1:*** **Alfabetização e políticas públicas**

**Resumo**: O presente trabalho é o recorte de uma pesquisa de mestrado em educação que teve por objetivo analisar os processos de ensino e de aprendizagem na proposta didática de alfabetização do curso de formação continuada do programa *Tempo de Aprender* (BRASIL, 2020). A análise teve como pano de fundo a *Política Nacional de Alfabetização* (BRASIL, 2019). O estudo, vinculado ao campo teórico dos Estudos Culturais em Educação, empregou a análise documental como metodologia, caracterizando-se como qualitativo com foco descritivo-analítico. O material empírico selecionado para este trabalho corresponde aos eixos: 1 - Formação continuada de profissionais e 2 - Apoio pedagógico para alfabetização, do programa Tempo de Aprender (BRASIL, 2020), do módulo 2 a*prendendo a ouvir*, correspondente às aulas de *discriminação de sons* e *consciência de palavras*, dos materiais escritos do curso. O tópico analítico a ser apresentado será: Cadê o estudo da consciência fonológica, a promoção da curiosidade metalinguística e a ludicidade que estavam presentes nos cursos de formação docente para alfabetizadoras? Os resultados da pesquisa possibilitaram observar a hierarquização do conhecimento de unidades menores a unidades maiores nos processos de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita. Tais processos, além de não proporcionarem que a criança reflita sobre as partes orais das palavras, expõe-na a práticas mecânicas de discriminação de sons e provocam diversos questionamentos, entre eles, o fato de proporem um trabalho em que as crianças percebam, apenas pela demonstração e repetição da leitura das frases simples, que a frase é dividida em pedaços menores, as palavras. Por fim, as análises evidenciaram um programa de formação docente que se inscreve numa lógica marcada pela tensão entre continuidades e descontinuidades de concepções teóricas sobre o campo da alfabetização

**Palavras-chave:** Tempo de Aprender; Formação Docente; Concepção de linguagem; Processos de Ensino e Aprendizagem.

[1]Mestra em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Professora de Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental na Rede Pública Municipal de São Leopoldo/RS. Bolsista Capes. E-mail de contato: ramonakappicontato@gmail.com.

## 1. Introdução

Esta pesquisa problematiza a perspectiva teórica e conceitual de alfabetização adotada na proposta didática do Curso de Formação Continuada em Práticas de Alfabetização do *Programa Tempo de Aprender*, criado em 2020 pelo Ministério da Educação/MEC. Analisa os processos de ensino e de aprendizagem na proposta didática de alfabetização do referido curso, tendo como pano de fundo a *Política Nacional de Alfabetização* (BRASIL, 2019). A metodologia adotada é a análise documental, sendo que o material empírico selecionado para esta pesquisa corresponde aos eixos: 1 - Formação continuada de profissionais e 2 - Apoio pedagógico para alfabetização, do programa *Tempo de Aprender* (BRASIL, 2020), os quais fazem parte do material escrito.

No presente recorte, serão apresentados resultados de análises do módulo 2 *aprendendo a ouvir*, correspondente às aulas de *discriminação de sons* e *consciência de palavras*. O tópico analítico será: Cadê o estudo da consciência fonológica, a promoção da curiosidade metalinguística e a ludicidade que estavam presentes nos cursos de formação docente para alfabetizadoras? A seguir contextualizo o programa Tempo de Aprender (BRASIL, 2020).

## 2. Apresentação e contextualização do *Tempo de Aprender*

O programa *Tempo de Aprender* e a consequente ação de *Formação Continuada em Práticas de Alfabetização* (BRASIL, 2020)[2] foram desenvolvidos a partir das diretrizes da PNA (BRASIL, 2019). Destinado à pré-escola e ao 1º e 2º ano do ensino fundamental das redes públicas, o programa tem como um dos propósitos do curso "elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem no âmbito da alfabetização" (BRASIL, 2020). Para isso, o programa *Tempo de Aprender* elenca quatro "causas das deficiências" da alfabetização: "o déficit na formação pedagógica; a falta de materiais e de recursos estruturados para alunos e professoras; as deficiências no acompanhamento dos alunos e o baixo incentivo ao desempenho de professoras alfabetizadoras e de gestores educacionais" (BRASIL, 2020). Essas "causas das

[2]Instituída pelo Decreto n.º 9. 765, de 11 de abril de 2019, a PNA surge como uma iniciativa do Ministério de Educação para implementar programas e ações voltadas à "promoção da alfabetização" baseada em dois principais parâmetros: as "experiências exitosas" e as "evidências científicas".

deficiências" são transformadas em quatro eixos do curso: 1 - *Formação continuada de profissionais da alfabetização*; 2. *Apoio pedagógico para a alfabetização; 3 - Aprimoramento das avaliações da alfabetização e 4 - Valorização dos profissionais de alfabetização*. (BRASIL, 2020), cuja estrutura organizacional transmite uma ideia de solução dos problemas que assolam a Educação no Brasil.

O Curso está dividido em sete módulos, sendo o primeiro composto pela apresentação geral do curso. Os outros seis módulos, denominados *aprendendo a ouvir, conhecimento alfabético, fluência em leitura oral, desenvolvimento de vocabulário e compreensão de textos e produção textual*, têm correspondência com os componentes "essenciais" à alfabetização: *consciência fonêmica; instrução fônica sistemática; fluência em leitura oral; desenvolvimento de vocabulário; compreensão de textos e produção de escrita.* (BRASIL, 2019, p. 40).

Os módulos dos componentes "essenciais" são organizados do seguinte modo: materiais escritos e vídeos com orientações didáticas que se encontram no site explicando a parte conceitual de cada um dos componentes e materiais escritos de estratégias de ensino e recursos adicionais para a alfabetização. O conteúdo de cada módulo é trabalhado a partir do respectivo componente. Neste trabalho serão analisados os materiais escritos do módulo 2 - *aprendendo a ouvir*, correspondente às aulas de *discriminação de sons* e *consciência de palavras*, uma vez que a análise de vídeos implicaria outros trajetos de pesquisa.

O tópico analítico "Cadê o estudo da consciência fonológica, a promoção da curiosidade metalinguística e a ludicidade que estavam presentes nos cursos de formação docente para alfabetizadoras?" *foi* selecionado devido à sistematização relevante e recorrente da instrução fônica e do domínio do princípio alfabético como a proposta metodológica "científica", tendo como base os estudos da ciência, sobretudo a ciência cognitiva da leitura nos processos de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita na parte teórica do documento, sendo reforçada na parte prática.

Ao analisar o Tempo de Aprender, observa-se uma intenção de destituir as propostas educacionais do campo da alfabetização criadas anteriormente, apontando que elas não foram suficientes para garantir uma alfabetização plena. Não há menção às muitas rupturas e lacunas geradas em razão da descontinuidade de programas como o Pacto Nacional da Alfabetização para Idade Certa (BRASIL, 2012)[3], por exemplo.

[3]Programa que foi oferecido pelo Ministério da educação (MEC). Trata-se de uma formação continuada de professores alfabetizadores com o objetivo de alfabetizar todas as crianças até 8 anos de idade, no máximo até o

## 3. Cadê o estudo da consciência fonológica, a promoção da curiosidade metalinguística e a ludicidade que estavam presentes nos cursos de formação docente para alfabetizadoras?

Começo com uma paródia à parlenda “Cadê o toucinho que estava aqui?” para apontar os elementos que foram procurados na proposta do curso de formação continuada em práticas de alfabetização, elementos que foram/têm sido conquistados no campo da alfabetização e que no referido curso percebe-se invisibilizados.

Tal aspecto pode ser observado na análise de estratégias de ensino do módulo 2 *aprendendo a ouvir*. Esse módulo está dividido em nove aulas (*Discriminação de sons; consciência de palavras; Consciência de sílabas; Consciência de aliteração; Consciência de rimas; Isolamento de sons; Síntese de sons; Segmentação de sons; Substituição de sons*) que foram pensadas para desenvolver os processos de consciência fonêmica nos alfabetizandos. As recorrências observadas no material analisado possibilitam perceber a escolha de estratégias de ensino estruturadas, fragmentadas e ordenadas em uma lógica que se deslocava do simples ao complexo, impedindo um trabalho de respeito às singularidades e às necessidades individuais de cada criança. Selecionou-se para análise duas aulas do módulo *aprendendo a ouvir*: a *discriminação de sons* e a *consciência de palavras*.

### 3.1. Aula *discriminação de sons*

Nos materiais do curso, aula *discriminação de sons*, é apontado que a discriminação auditiva favorece a habilidade de discriminar corretamente os sons da fala. Nesse sentido, o objetivo do módulo é ensinar as crianças a distinguir sons e identificar o timbre e a posição da fonte sonora.

Nessa aula, inicialmente a professora deve demonstrar como funciona a atividade. Pede para uma criança bater uma palma e, de olhos fechados, a professora indica de onde veio o som e o que o produziu. Após as demonstrações, pratica as mesmas ações com as crianças, contudo, nesse segundo momento, utilizando um apito. E para “diversificar”, repete a atividade utilizando um chocalho, em que novamente a professora conduz as ações das crianças. Após essa prática, realiza novamente a atividade produzindo com som a batida do pé no chão. Por fim a professora realiza as mesmas atividades de forma individual (BRASIL,

3º ano do Ensino Fundamental. Um compromisso formal assumido pelos governos Federal, Estadual e Municipal. (BRASIL, 2012).

2020). Tal sequência pode ser observada na atividade denominada *Discriminação de Sons*. *(FIGURA 1):*

*Figura 1* - Estratégia de Ensino Discriminação de Sons. Módulo

**Fonte**: BRASIL (2021, p. 7)

Essa estratégia de ensino é direcionada às turmas da Pré-Escola e do 1º ano, sob a justificativa de que tal faixa etária precisa desenvolver essas habilidades antes de aprender o sistema de escrita alfabético. Os processos de ensino e de aprendizagem nessa estratégia evidenciam o mito da teoria da prontidão, há relevância na discriminação de sons em ações didáticas repetitivas, sugerindo um modelo de ensino hierárquico que subestima as experiências que as crianças já possuem.

A aula proposta objetiva a discriminação sonora a partir da identificação da direção do som e do objeto que o produziu; ou seja, ainda que haja nessa aula uma menção às práticas lúdicas, o que fica evidente é a exposição da criança a tarefas de identificação sonora produzidas pela professora.

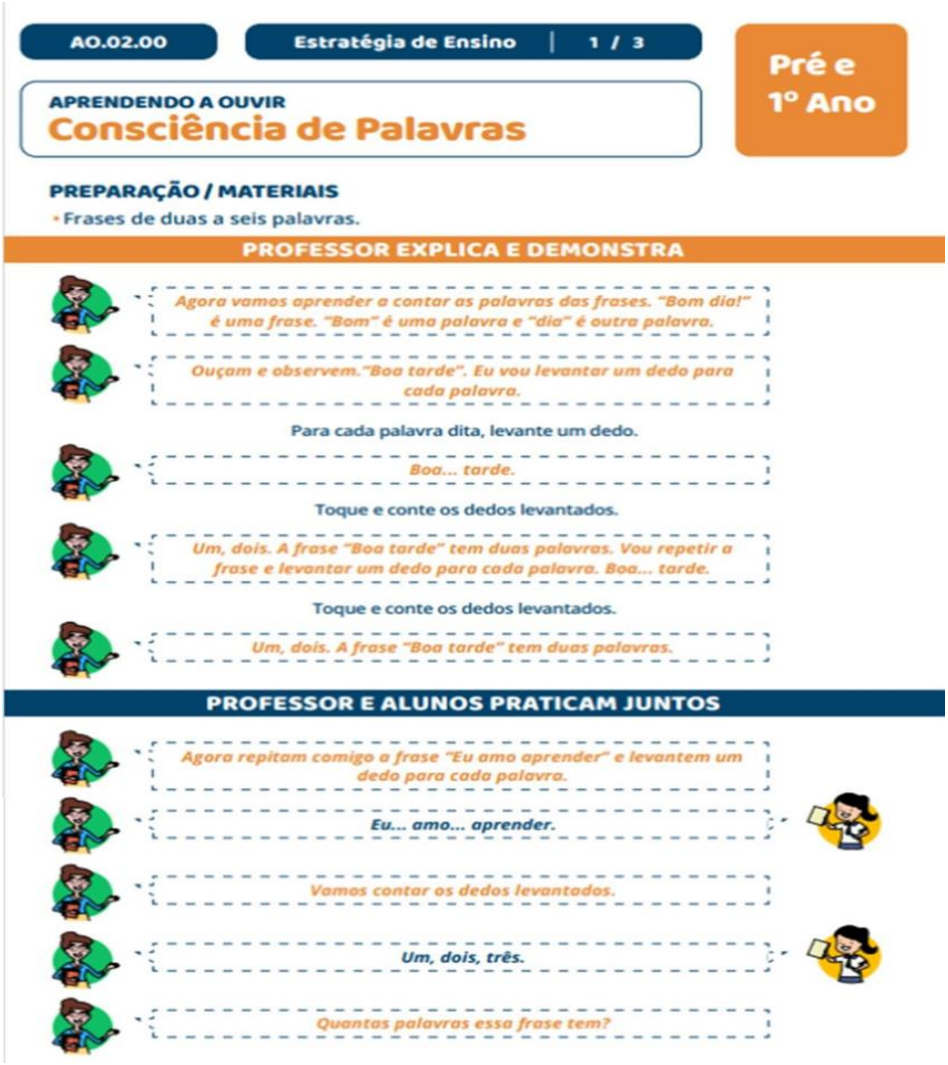
Considerando esse aspecto podemos observar que o conteúdo da estratégia de ensino não contempla a dimensão lúdica da aprendizagem na infância, e também não se alinha ao que está indicado nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nesta é reconhecido que as aprendizagens das crianças devem ter como eixos estruturantes as interações e brincadeiras, aprendizagens essas que correspondem às possibilidades e características do desenvolvimento das crianças, como também pontuado por Morais (2012).

Na perspectiva do trabalho proposto observa-se que a criança é conduzida pela professora em todas as suas ações, e antes de serem conduzidas, a professora explica e demonstra. Diferentemente do que ocorria na proposta do Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa/PNAIC (BRASIL, 2012) que enfatizava a relevância dos gêneros textuais e da reflexão linguística no potencial papel das interações sociais, a partir da utilização de textos poéticos, músicas, quadrinhas, cantigas, parlendas e trava-línguas que eram recursos valorizados nas práticas com as crianças para o trabalho de reflexão sobre partes orais das palavras. Vejamos a proposta pedagógica para a aula da *consciência de palavras*.

### 3.2. Aula *consciência de palavras*

Na aula sobre *consciência de palavras*, os processos de ensino e de aprendizagem envolvem propostas didáticas de frases curtas (de início com duas palavras), em que a professora lê e pede que as crianças digam o número de palavras nas frases. No exemplo da aula *consciência de palavras* a atividade inicia com a professora dizendo: “Hoje vamos aprender a contar palavras nas frases”. E diz: “bom dia”, explicando que na frase há duas palavras. A próxima frase é boa tarde. A professora conta: “um, dois” e diz: “a frase tem duas palavras”. Ela informa às crianças que vai repetir a frase e levantar um dedo para cada palavra. A frase seguinte é com três palavras e a subsequente com quatro. Tal proposta pode ser observada na atividade denominada *Consciência de Palavras* (FIGURA 2):

Figura 2 – Estratégia de Ensino Consciência de Palavras: Módulo Aprendendo a ouvir




**Fonte:** BRASIL (2021, p. 14).

A estratégia de ensino *consciência de palavras* nos provoca diferentes indagações, pois, como mostra a Figura 2 *Consciência de Palavras*, há uma sequência superficial de atividades para a professora ensinar a criança a contar palavras nas frases.

Considerando que a criança, enquanto falante de uma língua, está exposta a diálogos, tanto com os adultos quanto com as crianças, ou até mesmo em suas brincadeiras, a necessidade do ensino explícito dessa consciência é passível de questionamentos, principalmente quando se trata de atividade repetitiva e descontextualizada: “Boa... tarde!”; “Eu... gosto... de... aprender”, “Um, dois, três, quatro” e “Eu... gosto... de... pular”.

Outro ponto a ser destacado entre os equívocos observados diz respeito ao fato de que no uso corrente da língua na modalidade oral, não pronunciamos as palavras de forma segmentada, falamos emendando umas palavras às outras. O reconhecimento pela criança de que as frases são compostas por palavras se dá, sobretudo, quando a criança enxerga a segmentação das palavras em uma frase por escrito.

Nessa concepção de ensino, como descreve Cagliari (1998, p. 42-43) a criança "é interpretada como um começo absoluto de tudo, o marco zero de uma caminhada, uma página em branco onde se vai começar a escrever sua vida escolar".

Levando em consideração que as crianças da pré-escola e do 1º ano estão sob forte influência do lúdico, essa proposta poderia ser ressignificada se partisse de brincadeiras com as palavras, promovendo a vivência de situações que desafiassem a criança a refletir de forma lúdica sobre as palavras. (MORAIS, 2020). A atividade para desenvolver na criança a consciência de palavras mostra que, mesmo diante da oportunidade de um trabalho enriquecedor, a ênfase está unicamente no "aprimoramento" dessa habilidade.

As propostas didáticas do curso provocam diversos questionamentos, dentre eles, o fato de propor um trabalho em que as crianças percebam, apenas pela demonstração e repetição da leitura das frases simples, que a frase é dividida em pedaços menores, as palavras.

Soares (2020) já questionava esse tipo de trabalho quando apontava ser importante pensar a construção e o conceito de palavras estabelecendo relação com contextos reais de fala ou que estivessem articuladas com textos, e não simplesmente apresentar um conjunto de palavras e mostrar que elas devem ser pronunciadas de forma segmentada. "É por meio de experiências com textos lidos e da orientação da/do alfabetizadora/or que a criança vai pouco a pouco construindo o conceito de palavra e desenvolve a capacidade de segmentar frases em palavras".(SOARES, 2020, p. 78-79).

Não estamos desconsiderando a relevância de as crianças refletirem sobre a consciência da palavra, pelo contrário, a experiência acumulada nos últimos anos tem demonstrado a adequação de se investir em um trabalho pedagógico que permita à criança refletir sobre as palavras em sua dimensão sonora, ao mesmo tempo que analisam suas formas gráficas (MORAIS, 2012).

O processo de ensino do interacionismo linguístico, como destaca Geraldi (2006), que considera relevantes as experiências linguísticas dos alunos, é silenciado nessa proposta. O processo de ensino e de aprendizagem deixa de ser o interacionismo linguístico, ensina-se como se a criança não fosse falante da língua portuguesa e como se já não possuísse um repertório de palavras, não permitindo que ela utilize sua capacidade de refletir sobre as coisas que a cercam. A curiosidade metalinguística demonstrada pela criança acaba sendo ignorada em razão da sequenciação das estratégias estabelecidas de demonstração e repetição de ensino.

## 4. Considerações finais

Os resultados apresentados nos provocam a pensar sobre as fragilidades da proposta do curso: a começar pela hierarquização do conhecimento, em que a criança é submetida a práticas de ensino que vão do simples ao complexo; além da padronização de uma sequência didática para o trabalho da instrução fônica em que a criança é orientada a seguir o modelo estabelecido para a sua aprendizagem. Os silenciamentos das experiências linguísticas que a criança já possui ao ingressar na escola e a exclusão de práticas de letramento também caracterizam as fragilidades da proposta.

A representação da alfabetização está pautada no discurso da “solução definitiva” dos problemas apresentados nas avaliações externas. O ensino prevalece sobre a aprendizagem, em que as práticas de demonstração das estratégias de ensino feitas pela professora devem servir sempre como ponto de partida para a criança iniciar seu percurso de aprendizagem.

Ao concluir a análise, infere-se que o *Tempo de Aprender* inscreve-se numa lógica marcada pela tensão entre continuidade e descontinuidade de concepções teóricas sobre o campo da alfabetização. As concepções de linguagem e de aprendizagem nas políticas públicas de alfabetização parecem competir, impondo uma única linha de ensino, contrariando o direito constitucional das escolas e docentes de escolheram as metodologias que julgam adequadas e necessárias às turmas de alfabetização (MORAIS, 2019), e exclui o que vem sendo pesquisado e discutido a partir dos anos de 1980, cenário este que revolucionou o campo da alfabetização no Brasil em termos de avanço e reconhecimento do sujeito que se alfabetiza.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2020.

_____._____. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Formação do Professor Alfabetizador. Caderno de Apresentação. Brasília: MEC/SEB, 2012.

_____. _____. **Tempo de Aprender**. Formação continuada em práticas de alfabetização. 2020. Disponível em: https://alfabetizacao.mec.gov.br/tempo-de-aprender.

_____. _____. **Base nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/.

CAGLIARI, LC. **Alfabetização sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa M. Hessel; SOMMER Luis Henrique. **Estudos Culturais, Educação e Pedagogia**. Revista Brasileira de Educação, n. 23, p. 36-61, maio-jun.-jul.-ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>.

GERALDI, João Wanderley. et al. **O Texto na Sala de Aula**. São Paulo: Ática, 2006.

MORAIS, Arthur Gomes. **Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo da Alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. _____. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo. Editora: Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. A “Política Nacional de Alfabetização” (BRASIL, 2019): uma guinada (ideo) metodológica para trás e para direita. **Revista Brasileira de Alfabetização (ABALF).** BeloHorizonte, v. 1, n. 10 (Edição Especial), p. 26-31, jul. Dez. 2019.

SOARES, Magda Becker. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: contexto, 2020.